

VERTICALIZAÇÃO E TOPONÍMIA: OS NOMES DOS EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS E COMERCIAIS DO CENTRO DE FORTALEZA (1931 – 1964)

Gleilson Angelo da Silva¹
Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva²

RESUMO

Este trabalho analisa alguns edifícios, elencando especificidades que permitem a leitura sobre o Centro. Desta forma, é necessário compreender a verticalização ali ocorrida, observando a denominação dos edifícios residenciais e comerciais. Analisamos e diferenciamos as tipologias utilizadas (serviços e finalidades) e sua nomenclatura, observando como o discurso de progresso e modernidade intensificou e impulsionou o processo de verticalização criando novos eixos e fazendo com que, por meio da alteração da legislação urbanística ao longo do tempo, possibilitasse a construção de edifícios cada vez mais altos ou arranha-céus em outros bairros, por exemplo. O recorte temporal definido para este artigo abrange a década de 1930, especificamente o ano de 1931 (inauguração do Excelsior hotel), e percorre as décadas de 1940 até 1960 com a escolha do Palácio Progresso (1964), levando em consideração a importância histórica dos edifícios selecionados (no total de dez), acompanhando também o crescimento da cidade e a expansão para além dos limites do centro, uma vez que, a verticalização nesta área diminuiu e outros bairros já apresentavam um número significativo de edifícios altos, bem como do tipo de construção. Integrando a Geografia Histórica com a Geografia Urbana, passando pelos processos de urbanização e verticalização, relacionando com a Toponímia (estudo dos nomes de lugares) resultou numa variedade do conjunto de nomenclaturas desde nomes de pessoas (antropotopônimos) até nomes relativos à índole mineral (litotopônimos), posições geográficas (cardinotopônimos), atividades profissionais (sociotopônimos), dentre outros, sendo um recorte do bairro e compreendendo no tempo e no espaço as transformações que o Centro de Fortaleza passou, modificando a paisagem a partir da construção dos arranha-céus.


Palavras-chave: Espaço Urbano, Lugar, Toponímia, Edifício, Centro.

ABSTRACT

This work analyzes some buildings, listing specificities that allow reading about the Center. Thus, it is necessary to understand the verticalization occurred there, observing the name of residential and commercial buildings. We analyze and differentiate the typologies used (services and purposes) and their nomenclature, observing how the discourse of progress and modernity intensified and boosted the verticalization process by creating new axes and through the change of urban legislation over time, allowed the construction of increasingly high buildings or skyscrapers in other neighborhoods, for example. The time frame defined for this article covers the 1930s, specifically the year 1931 (inauguration of the Excelsior hotel), and runs through the decades of 1940 to 1960 with the choice of the Progress Palace (1964) taking into account the historical importance of the selected buildings (out of ten), also accompanying the growth of the city and the expansion beyond the limits of the center, since the verticalization in this area decreased and other neighborhoods already had a significant number of tall buildings, as well as the type of construction. Integrating Historical Geography with Urban

¹ Doutorando em Geografia da Universidade Federal do Ceará, angelosilva002@gmail.com;

² Professor Titular e Emérito da Universidade Federal do Ceará, borzajose@gmail.com.



Geography, through the processes of urbanization and verticalization, relating to Toponymy (study of place names) resulted in a variety of the set of nomenclatures from names of people (anthrotoponyms) names related to the mineral nature (lithotonyms), geographical positions (cardinotonyms), professional activities (sociotonyms), among others, being a cut of the neighborhood and understanding in the time of space the transformations that the Center of Fortaleza has passed, changing the landscape from the construction of skyscrapers.

Keywords: Urban Space, Place, Toponymy, Building, Center.

INTRODUÇÃO

Os edifícios se destacam pelo seu tamanho, forma e até mesmo o seu nome. Caminhar pelo Centro de Fortaleza é mergulhar no passado e os edifícios, monumentos e logradouros contam um pouco desta história. Até os anos 1930, a capital não tinha edifícios altos, enquanto que cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Nova Iorque e Chicago já tinham edifícios com até 100 andares. Mesmo com todas as mudanças ocorridas no período conhecido como *Belle Époque* (1866 - 1933), a cidade ainda se encontrava aquém de outras capitais da época. A inauguração do Excelsior Hotel (1931) marca o início da verticalização e as leis e códigos urbanos permitiram que edifícios fossem construídos não somente na zona central, mas em outras, mesmo com poucos pavimentos (COSTA, 2017). O processo de verticalização iniciou no Centro e foi incorporando outras áreas da cidade, como a zona leste que alterou significativamente a paisagem, estando este processo atrelado ao de urbanização intensa e, posteriormente, ao de metropolização (SOUZA, 2009).

Este artigo analisa alguns aspectos do espaço urbano e os relaciona com a construção de alguns edifícios elencando algumas especificidades que permite a leitura sobre o Centro de Fortaleza. Desta forma, é necessário analisar os nomes de alguns edifícios observando o processo de verticalização e seus principais elementos, classificar os edifícios por meio das taxonomias e relacionar no tempo e no espaço a construção dos edifícios com a produção do espaço urbano.

A figura 1 apresenta a localização do Centro no município de Fortaleza onde, outrora fora a própria cidade, desde a sua instalação como vila e elevação à capital até a extrapolção dos seus limites nas primeiras décadas do século XX. Durante este processo, muitas foram as mudanças que alteraram significativamente a morfologia urbana, resultando no aumento do tamanho da cidade, quantidade de habitantes, início do processo de verticalização, abertura e prolongamento de ruas e avenidas, dentre outros. Os limites atuais correspondem ao chamado Centro antigo e Centro expandido no qual estão instaladas construções ainda do final do século



XIX e os primeiros edifícios que guardam características arquitetônicas de suas épocas compondo um mosaico que marca a paisagem entre antigas e novas formas presentes no espaço.

Figura 1 – Localização do Centro de Fortaleza.



Elaborado pelo autor.

A escolha pelo bairro remete aos primeiros vestígios da verticalização e de como a cidade cresceu para o alto na zona central e como ela foi sendo expandida para a zona oeste, sul e, principalmente leste, no que diz respeito aos edifícios altos ou arranha-céus. Bairros como o Meireles e Aldeota possuem uma quantidade considerável de edifícios com até 50 andares, mas no início do século XX os edifícios não passavam de 12 pavimentos, visto que a lei só permitia até 10 na zona central e até 3 nas demais.

A diferença entre o Centro Histórico e o bairro Centro está na delimitação que a própria cidade tinha até o início do século XX. Basicamente, a cidade teve como limites o traçado em verde durante mais de 100 anos, sendo ultrapassado somente a partir da terceira década do mesmo século. A delimitação do bairro Centro seguiu o modo como a própria cidade foi sendo expandida e tinha como limites alguns equipamentos (cemitério, liceu, ferrovia) além das próprias avenidas que criavam um perímetro entre o Centro e os demais bairros e que hoje integram o sistema de vias de circulação da cidade.

Algumas questões norteadoras foram elencadas para embasar e desenvolver os temas propostos envolvendo geografia, arquitetura e urbanismo e a forma como a cidade foi pensada e desenvolvida, sobretudo na área central: Qual a relação entre a denominação de edifícios (residenciais, comerciais e/ou de uso misto) e a produção do espaço urbano, a partir da verticalização? A partir de que momento a verticalização foi intensificada (em múltiplas escalas até Fortaleza) e quais os elementos que influenciaram esteticamente ou linguisticamente na construção e denominação de edifícios? Há um conjunto toponímico variável nesta área da cidade, considerando a sua constituição como lugar de memória?

Compreende-se o papel da capital alencarina dentro da rede urbana cearense nos séculos XIX e XX, atraindo não somente investimento como profundas mudanças que alteraram significativamente a sua morfologia no qual é possível avistar marcas do passado e do presente reunidas num só lugar: O Centro. Por mais de cem anos, a área central foi a própria cidade até a década de 1930 quando a elite que morava ali mudou para outros bairros (Jacarecanga, Benfica e Aldeota), expandindo Fortaleza para além de seus limites estabelecidos ainda no final do século XIX.

Segundo Andrade (2016), o marco temporal que evidencia uma série de profundas mudanças no que diz respeito às técnicas e materiais de construção data das primeiras décadas do século XX, mas foi a partir do primeiro Código de Obras de 1932 que o concreto armado é mencionado como elemento modernizador da arquitetura substituindo aos poucos as paredes de alvenaria ainda vigente na construção da época. O grupo de engenheiros locais e sulistas compõem a geração que até a década de 1950 introduziram novas técnicas e materiais que possibilitaram, de certa forma, a construção de edifícios cada vez mais altos acompanhando também a evolução da legislação urbanística que se renovava a cada atualização destas técnicas, materiais e novas tecnologias.

A configuração dos quarteirões e lotes no Centro apresentava resquícios históricos e isto é explicado por Farias (2008, p. 8) quando este assinala que “a dificuldade de acesso e um sistema de divisão fundiária de difícil alteração, de herança colonial portuguesa, gerou uma tipologia de habitação estreita e comprida”, compreendendo, assim, a lógica da construção de pequenas galerias no sentido leste-oeste, pela facilidade de penetração dos quarteirões, maior do que no sentido norte-sul. Pinheiro (2011, p. 46) afirma que “a estrutura urbana pode ser classificada por diferentes períodos, cada um deles correspondendo a uma etapa da urbanização e colocando em evidência as políticas e ideologias dominantes”, ou seja, compreender o processo no qual a cidade de Fortaleza foi transformada é entender como ela se apresenta na atualidade.



Desta forma, é compreensível, do ponto de vista estrutural, a dificuldade de verticalização na área central de Fortaleza, embora seja possível encontrar alguns edifícios que fazem parte da paisagem urbana e que contam a história da cidade. A expansão da cidade para além dos limites estabelecidos ainda no final do século XIX se concretizou à medida em que a população aumentou, sobretudo em anos de seca, mas de acordo com Souza (1978) somente entre as décadas de 1920 e 1940, Fortaleza aumentou em 129% a sua população vinda do interior num intenso processo de migração interna, evidenciando os problemas sociais já existentes na capital e que acabaram sendo acentuados com a chegada destas pessoas refletidas em setores como higiene, habitação e saúde, por exemplo.

A necessidade de controle do território fora fundamental para zonestar e definir os locais para onde a cidade deveria crescer e se desenvolver, assim como o uso do solo e a ocupação. Margeando a via férrea ou as grandes avenidas da época (Visconde do Rio Branco, Visconde do Cauípe, Bezerra de Menezes, Santos Dumont, dentre outras), observou-se um intenso crescimento desde 1888 até a década de 1930 (PONTE, 2014), demonstrando a superação de barreiras naturais como no caso do riacho Pajeú que dificultou a expansão de Fortaleza para leste. A classe média e alta iniciou um processo de sair aos poucos do Centro e começou a construir seus palacetes em bairros como Jacarecanga, Benfica e Aldeota e que foram, posteriormente, desaparecendo aos poucos e surgindo torres residenciais cada vez mais altas, mas o Centro ainda continuava possuindo as funções de moradia, comerciais e administrativas (ANDRADE, 2016 e COSTA, 2017).

METODOLOGIA

A partir de documentos como o Código de Obras de 1932 (introdução de novas formas e materiais de construção, ocupação), o decreto de 1938 (zoneamento), o decreto 785/47 (Plano Diretor), os Códigos Urbanos de 1950 e 1962, o Plano Diretor, lei 2128/63, dentre tantos outros possibilitou a divisão de Fortaleza levando em consideração as funções, a quantidade de pavimentos permitidos em cada um, a introdução de novos materiais na construção de edifícios tal como a sua própria função, direcionando o trabalho dos profissionais e demonstrando o interesse dos gestores em determinadas áreas da cidade que futuramente estariam bem mais estruturadas do que o próprio Centro, diferenciando-se não somente pelas funções, mas no que diz respeito ao tamanho dos quarteirões e lotes, além do aumento do gabarito, permitindo a construção de edifícios com mais pavimentos que a zona central, dentre outros (ANDRADE,



2016) e também à readequação funcional da malha urbana e reestruturação do traçado (FARIAS, 2008).

Aliado a estes processos, a atividade imobiliária sobre o espaço concentrando a renda fez com que os primeiros edifícios tornaram-se a materialização destes processos que foram articulados com vários setores e fizeram com que não somente o uso e ocupação do solo fosse alterado como também potencializado do ponto de vista da sua valorização. A burguesia comercial estava por trás dos planos elaborados para o melhoramento da infraestrutura das áreas centrais por lá estarem localizados os serviços e tornando-se responsáveis por afastar a ideia de moradia mais distante do centro caracterizando-o cada vez mais predominantemente comercial, uma vez que, estava relacionado, também, à questão da chegada dos meios de transportes como bondes, ônibus e automóveis, permitindo o deslocamento entre casa e trabalho (GOTTDIENER, 1997 e VILLAÇA, 2001).

A escolha pelo tipo de pesquisa qualitativa e documental refere-se à forma como o espaço urbano e a verticalização foram trabalhados. Qualitativa pela análise e da discussão acerca do referencial teórico e a base de informações colhidas por meio da documentação permitiram relacionar vários processos e fenômenos pertinentes à modificação da morfologia urbana a partir da construção de edifícios. Os dados secundários permitiram compreender o padrão de acabamento (econômico, simples, médio, superior, luxo e fino), assim como a quantidade de pavimentos fez com que compreendêssemos como a legislação foi alterada para atender uma parcela da população interessada em valorizar o solo urbano para comercializar e instalar seus equipamentos.

O recorte temporal levou em consideração o primeiro arranha-céu como marco principal do início da verticalização, uma vez que, até então só havia alguns sobrados com até três pavimentos e o Excelsior Hotel (1931) foi inaugurado com oito. O palácio Progresso (1964) foi um dos últimos edifícios altos a serem construídos na zona central, visto que Aldeota e Meireles já estavam sendo o destino de boa parte da construção civil e o aparecimento de edifícios cada vez mais altos estava se consolidando na zona lesta da cidade, mas ainda sim o Centro ainda possuía importância administrativa, bancária, sendo depois descentralizada quando o palácio do governo, assembleia legislativa, fórum, câmara municipal e prefeitura (esta foi a única que voltou ao Centro) foram deslocadas para outros bairros.

A escolha dos edifícios levou em consideração: ano (compreendendo a introdução de novos materiais na construção e na inovação tecnológica como uso de elevadores, o concreto armado, o vidro, dentre outros), a localização (mais próximo dos equipamentos e lugares mais valorizados da cidade incidindo também no preço do imóvel), tipo de nomenclatura (variação

dos tipos de nomes utilizados tal como da relação com a própria época em que foi construído) e o uso (residencial, comercial ou misto). Assim foram escolhidos dez edifícios classificados a partir dos itens mencionados anteriormente sempre inseridos no contexto político, econômico, financeiro, cultural da cidade de Fortaleza.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender os processos e fenômenos na cidade de Fortaleza no recorte temporal (1931 – 1964) é necessário apreender alguns conceitos e processos pertinentes. Para estudar a produção do espaço urbano e a morfologia da cidade é importante entender o modo como a cidade foi e continua sendo construída e como a sua forma foi alterada ao longo dos anos. A falta de planejamento e o parcelamento desordenado do espaço municipal faz com que a cidade fique cada vez mais fragmentada e isto fora sendo percebido ao longo dos anos em que alguns planos foram elaborados para solucionar problemas da ordem da circulação e não foram implementados. Silva (2009) aponta que o modelo de organização deste espaço citadino vai refletir no tipo de parcelamento e o tipo de uso do solo que é feito. Os tamanhos do lotes também são reflexos do tipo de parcelamento feito no passado, de forma que foi uma das dificuldades de verticalização no Centro, uma vez que, para a construção de edifícios altos era preciso demolir mais de uma residência e depois aglutinar dois ou até três terrenos, pois eles eram estreitos e compridos (FARIAS, 2008). Souza (2009) explica que a falta de um zoneamento para as mais diversas funções explicam uma parte da organização do espaço urbano da cidade e que depois foram criados os subcentros como atividades complementares as do Centro de Fortaleza, embora uma parte significativa do comércio ainda se localize na zona central.

A verticalização e as formas arquitetônicas também foram importantes para entender a concentração de edifícios em determinadas áreas causando uma mudança no *skyline* (palavra que se refere ao horizonte da cidade, ou seja, a estrutura geral, um panorama urbano, destacando as principais edificações) das cidades, a supervalorização do uso do solo urbano e o aumento do preço do m². Sposito (1997) aponta que a verticalização equivale à produção no seu caráter de mercadoria. A cidade terá uma maior ou menor produção da verticalização de acordo com a capacidade de consumo de seus habitantes. Souza (1994) aponta que a verticalização ocorreu no Brasil de forma diferenciada, uma vez que a função habitacional ligada a esta verticalização é uma especificidade da urbanização e Somekh (1997) utilizou critérios de periodização como fatores legais, econômicos e sociais para compreender o processo e Vargas e Araújo (2014) focaram na questão da dinâmica imobiliária numa conjuntura econômica, no ambiente político,

aspectos socioculturais, influências ideológicas, dentre outros. Cavalcante (2015) explica que a verticalização no centro de Fortaleza é resultado do estabelecimento do Código de 1932 que vigorou até os anos de 1950 quando um novo código urbano fora implementado e permitindo a construção de edifícios mais altos.

A urbanização e a metropolização que ocorreram em Fortaleza alterou a sua relação com outras cidades do Ceará e também com outras no Brasil e no mundo. Estes fenômenos tornaram as dinâmicas das cidades cada vez mais complexas ante do ponto de vista do intraurbano como com outras metrópoles. Para Reis Filho (s.d.) a urbanização é uma organização espacial de um núcleo urbano sendo diferenciada de acordo com o relacionamento de uma cidade dentro de um sistema social global em que está inserida. Esta variação e diferenciação está no modo como a própria urbanização pode ser interpretada, tanto do ponto de vista morfológico, quanto do planejamento, das contradições do próprio espaço, pelas relações econômicas, dentre outras (LIMONARD, 1999). Das Diógenes e Paiva (2014) apontam que uma das características da metropolização é o processo simultâneo da (des)centralização das funções urbanas, visto que este processo é perceptível no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 quando a função residencial é dispersada, depois a função administrativa e algumas atividades comerciais saem do Centro para outros bairros.

Para este artigo, além da breve introdução acerca da verticalização, a relação com a nomenclatura dos edifícios realça e reforça a importância de compreender, no tempo e espaço, o uso da linguagem na materialização de ideias e fenômenos interescares e que refletem processos internos e externos. Dick (2001, p. 80-81) explicita que os nomes dos lugares (assim como dos edifícios) surgem e são resultado de fatores sequenciais: “apreensão do objeto no espaço, conhecimento e percepção de seus detalhes [...], representações linguísticas percebidas, ou seja, o uso do código e significação, manifestação denominativa”, sendo importante compreender o contexto histórico no qual determinado fato ocorreu para apreender os elementos que originaram certas denominações.

A Toponímia, parte da Onomástica (ciências dos nomes) e que está contida na Lexicografia (estuda as palavras da língua), é uma das ciências do léxico dentro da Linguística (FAGGION e MISTURINI, 2014) englobando não somente a procura pelo significado dos nomes dos lugares, mas todo o contexto em que está inserido, buscando relacionar diversos processos e fenômenos como forma de construção da própria linguagem empregada. Vincent (1947, p. 4) afirma que

Toponímia é a ciência que estuda os nomes dos lugares. Sua finalidade é de apreender suas formas modernas e antigas, de refazer e de explicar sua história, de reconstruir sua forma original; de determinar o sentido desta. Ela visa extrair estes nomes das indicações sobre a história dos lugares que eles designam. Sobre os homens que os determinam, seus nomes, suas línguas, suas atividades, suas instituições, suas crenças.

A língua, de acordo com Sapir (1921) é repleta de símbolos que refletem aspectos físicos e sociais dos locais onde estão inseridos, revelando hábitos, costumes, influências e tendências, identificados a partir de vivências e experiências que apontam como determinados locais foram construídos e modificados ao longo do tempo ampliando para o entendimento dos caminhos, ruas e estradas, por exemplo. Lyons (1976), reforça que a construção de uma nomenclatura para locais e, posteriormente, para o que será inserido neles parte de uma ideia básica relacionando elementos que podem ser físicos e sociais (“rio descoberto em janeiro”, “rio em cujas margens abundava a palmeira *gerivá*”) (p. 117). A partir da utilização de elementos gramáticos como prefixos e sufixos, foi possível compreender a construção de diversas formas de nomear lugares e auxiliou na construção de um quadro de taxinomias de natureza física e antropocultural por Dick (1990b) constituído pela taxinomia, a definição e os exemplos.

Silva (2019) e Dick (1976) apontam que a relação geográfica entre o nome e o lugar perpassa pela construção do ambiente seja ele natural ou artificial, ou seja, resguarda elementos de cunho social, histórico, geográfico, político dentre outros. Os nomes dos edifícios e a localização destes possuem referências de diversas naturezas. Augé (1994) afirma que o lugar é onde se depositam as memórias, onde se guardam os registros e acontecimentos ocorridos e sua relação com a memória é importante para fazer uma leitura sobre o espaço urbano aliados também a outros aspectos. Seraine (1985) explica que ocorrerão dois tipos de linguagem – a construída e a transmitida, e os edifícios com sua forma e nome transmitem esta linguagem de forma que podemos fazer uma leitura sobre a produção do espaço a partir da verticalização. Ainda de acordo com Augé (1994) é no lugar que observa-se a vida urbana e o cotidiano por meio dos detalhes de das minúcias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de uma breve análise dos edifícios, tanto do ponto de vista histórico, geográfico e arquitetônico, foram construídos alguns quadros relacionando a nomenclatura dos edifícios a partir do quadro de taxinomias elaborado por Dick (1990b). De acordo com os critérios mencionados, foram escolhidos dez edifícios para análise, sendo apresentados na figura 2 e no quadro 1



Figura 2 Localização dos edifícios selecionados.



Elaborado pelo autor.

Quadro 1 – Edifícios selecionados.

EDIFÍCIOS SELECIONADOS		
EDIFÍCIO	ANO	PAVIMENTOS
Excelsior Hotel	1931	8
Edifício Granito	1934	3
Edifício Jangada	1948	9
Edifício SulAmérica	1953	12
Edifício Philomeno Gomes (Lord Hotel)	1956	8
Edifício e Cineteatro São Luiz	1958	10
Edifício Jalcyl I	1959	12
Jalcyl Avenida	1960	12
Edifício Carlos Jereissati (Hotel Savannah)	1964	13
Edifício Palácio Progresso	1964	12

Elaborado pelo autor.

O Excelsior Hotel (figura 3) foi o primeiro a ser construído para esta finalidade num logradouro que se tornaria referência por muitos anos e com seus oito pavimentos destacou-se na paisagem com sua arquitetura em estilo eclético e também tecnologia com seus elevadores, possibilitando posteriormente a construção de edifícios cada vez mais altos, juntamente com outras inovações tecnológicas. Inspirado num edifício de Milão, o responsável pela obra foi Natali Rossi, irmão de Pierina Rossi, esposa de Plácido de Carvalho, proprietário do prédio e do hotel. Inaugurado em 1931, funcionou até 1987, sendo construído no mesmo local onde estava instalado o sobrado do comendador José Antônio Machado (1825) (BENEDITO, 1999). O edifício Granito (figura 4), construído em 1934 em estilo *Art-Decó* (principal forma expressiva desta década nos edifícios construídos), possui três pavimentos (um térreo e mais dois comerciais) e localiza-se na outra esquina próxima ao Excelsior Hotel. No local funcionava a *Maison Art-Nouveau* e o Restaurante Chic e, no Granito, funcionaram lojas tais como: Tok-Discos, a Pernambucana, a *Broadway*, a Rouvanil, dentre outras (AZEVEDO, 1991).

Figura 3 – Excelsior Hotel (1931).



Arquivo Pessoal

Figura 4 – Edifício Granito (1934).



Fonte: Arquivo Nirez.

Os dois possuem denominações interessantes do ponto de vista linguístico, mas que também expressam os valores e pensamentos de uma época: O uso do edifício e o material ou a referência a materiais que revolucionaram a forma de construir revelam a ostentação e a grandiosidade de determinada obra e esta marca fez do hotel um marco na paisagem fortalezense, enquanto que, no outro lado da esquina um edifício menor, mas importante para

consolidar a esquina como uma das mais importantes da cidade confirmaram o crescimento da cidade a partir da Praça do Ferreira.

O edifício Jangada (figura 5) traz consigo toda uma carga simbólica no que diz respeito aos edifícios em Fortaleza pela sua importância, sendo o primeiro da Companhia Prudência de muitos que a empresa construiria em outras capitais nordestinas como Recife, Natal, João Pessoa e Salvador. Com sua arquitetura que primava pelo acabamento, senso artístico, competência técnica, dentre outros atributos, foi instalado próximo a sedes de antigos bancos. De acordo com Borges (2006) é recoberto de granito branco vindo de São Paulo e foi destinado a instalação de escritórios e salas comerciais. Com o fim da Prudência, este foi adquirido pelo INSS que o modificou internamente, mas boa parte de sua parte externa ainda preserva as linhas originais. O edifício SulAmérica (figura 6), assim como o edifício Jangada pertencia à uma grande empresa corporativa carregando no seu próprio nome a denominação e função que exercia, mesmo sendo uma das últimas obras em *Art-Decó* da cidade ainda do período da década de 1930. Vinda de outro prédio, com três pavimentos e que ainda existe do outro lado da praça (onde abrigou lojas como a Rainha da Moda), o suntuoso e majestoso edifício foi elogiado pela elegância e luxo que apresentava não somente pelas suas formas e materiais empregados em seus pavimentos como simbolizava o progresso de Fortaleza e seu desenvolvimento econômico como sede de empresas importantes. Vendido em 1968, preserva todo o requinte de uma época e marca a paisagem no Centro.

Figura 5 - Edifício Jangada (1948). Figura 6 - Edifício SulAmérica (1953).



Fonte: Diário do Nordeste.



Fonte: Fortaleza em fatos e fotos.

Utilizando-se de elementos naturais e antropoculturais, os dois nomes remetem ao trabalho, uma vez que a jangada é um dos instrumentos de trabalho dos pescadores e símbolos

presentes até hoje na cidade, enquanto que, apesar do nome determinar um sentido geográfico, representa uma corporação importante e responsável, junto a outras, pelo desenvolvimento econômico regional e tomando proporções nacionais representados por edificações imponentes, ricos materiais e inovações tecnológicas às suas épocas.

Os edifícios Jalcy e Jalcy Avenida, pertencentes ao mesmo proprietário, são reflexos de expansão estando localizados em dois corredores onde a verticalização estava crescendo. O eixo de expansão da rua Guilherme Rocha propiciou a construção de vários edifícios comerciais, visto que, tornou-se um lugar de passagem entre dois logradouros importantes: a praça do Ferreira e a praça José de Alencar (formando juntamente com a rua Liberato Barroso, Barão do Rio Branco e Major Facundo o famoso *Quarteirão Sucesso*, onde se encontravam as principais lojas logo após as que estavam na Praça do Ferreira), tornando-se a primeira rua destinada exclusivamente para pedestres (BORGES, 2006). É neste contexto, juntamente com o crescimento da cidade e substituição de sobrados por edifícios que o Jalcy (figura 7) é inaugurado em 1959. O Jalcy Avenida (figura 8), segundo Cavalcante e Barroso (2016), surgiu como novidade pelo conceito inovador de edifício residencial e comercial. Com seus 12 pavimentos foi por muitos anos o edifício mais alto da cidade. Isto porque o Banco Nacional de Habitação (BNH) iniciou uma série de incentivos fazendo com que a construção de residências multifamiliares fosse permitida.

Figura 7 - Edifício Jalcy (1959). Figura 8 - Edifício Jalcy Avenida (1960).



Fonte: Fiducial Imobiliária.



Fonte: MGF Imóveis.

O edifício Philomeno Gomes (figura 9), onde se estabeleceu o Lord Hotel, foi um dos marcos de um edifício destinado à hotelaria, uma vez que, além do Excelsior Hotel e de muitas pensões e pequenos hotéis, estavam localizados à leste da Praça do Ferreira. Construído no local onde funcionou o colégio Partenon, sua inauguração ocorreu em 1956, arrendado para um casal

suído em 1959 e funcionou até 1992 quando foi fechado e transformado em residência, aparte hotel (BENEDITO, 1999). Tombado desde 2006, a arquitetura chama a atenção seja pelas sacadas abauladas, linhas retas e esquadrias de madeira com venezianas, seja pela sua cobertura com pérgulas enriquecendo os seus oito pavimentos (PAIVA *et al*, 2019). O edifício Carlos Jereissati (figura 10), conhecido por abrigar o Hotel Savannah e as Lojas Brasileiras (Lobrás) ou a 4.400 (número que virou marca e conhecida em Fortaleza por ser a primeira a instalar escadas rolantes), inaugurado em 1957, localiza-se ao lado do SulAmérica também na Praça do Ferreira. Possuía dez suítes e 128 apartamentos, tornando-se a primeira torre hoteleira da cidade e o maior e melhor hotel da cidade, posto este ostentado pelo Excelsior durante muitos anos e só foi desbancado quando outros hotéis foram construídos na orla, fechando em 1992 (DUARTE e VASCONCELOS, 2016). No térreo ainda funcionam as Casas Bahia e em 2016 algumas salas e andares foram alugados pela faculdade Joaquim Nabuco e, posteriormente, UNINASSAU.

Figura 9 - Edifício Philomeno Gomes - Lord Hotel (1956).



Fonte: Fortaleza em fotos e fatos.

Figura 10 - Edifício Carlos Jereissati - Hotel Savannah (1957).



Fonte: IBGE.

O edifício e Cineteatro São Luiz (figura 11), de Luiz Severiano Ribeiro, foi um marco na consolidação da Praça do Ferreira, sobretudo pela sua localização e também pela sua importância para a história dos cinemas não só em Fortaleza como no Brasil, sendo considerado um dos maiores e mais bonitos do Norte e Nordeste. Projetado por Humberto Menescal, sua construção iniciou-se ainda no final da década de 1930 (justificando, assim o estilo *Art-Decó*), mas só foi inaugurado em 1958 com o filme *Anastácia*. Hoje, além da função de cinema abriga alguns órgãos públicos (SECULT, por exemplo) em seus pavimentos, além de empresas. A sobriedade da parte externa contrapõe-se ao luxo dos materiais utilizados no hall e nas salas de

projeções, tornando-o cada vez mais rico em detalhes que vão do lustre até o piso. Tombado em 1991 e fechado em 2005, foi refuncionalizado no início dos anos 2010 e hoje funciona como cineteatro.

O Palácio Progresso (figura 12), projeto de Liberal de Castro, foi empreendida pelos incorporadores José Lino da Silveira Filho e Aécio de Borba Vasconcelos, sendo este empreendimento o primeiro de grande porte para fins comerciais e de serviços, localizando-se num eixo de que se valorizou muito estando à leste da Praça do Ferreira e onde outros edifícios comerciais também foram construídos, além de estar num corredor que liga a área central à área cerealista da rua Governador Sampaio e caminho para a Aldeota. Sua característica moderna foi incorporada à própria configuração do lote (estreito e comprido) tendo como referência o edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, mas adaptado às condições climáticas substituindo uma parte da vidraçaria por materiais quebra-sol e caixinhas para encaixar os aparelhos de ar-condicionado muito comuns na época tornando o projeto cada vez mais racional e regular (PAIVA, ROCHA e DIAS, 2021). Paiva e Diógenes (2011, p. 7) afirmam que “conhecimento dos materiais, das técnicas e meios de construção, além da busca do sentido formal, elementos essenciais do fazer arquitetônico” foram de fundamental importância para ressaltar o edifício, uma vez que, sua expressão formal traduzem a regularidade existente tanto do ponto de vista da solução estrutural quanto da coordenação modular das salas comerciais (PAIVA, ROCHA e DIAS, 2021).

Figura 11 - Cineteatro São Luiz (1958) Figura 12 - Edifício Palácio Progresso (1964).



Fonte: Tripadvisor.



Fonte: SJ Imóveis.



A partir da contextualização histórica foi elaborado um quadro com os nomes dos edifícios apresentados e cada um reflete um pouco sobre sua época seja da forma de construir, linguagem, materiais de construção ou inovações tecnológicas. Do ponto de vista linguístico, cada um deles expressa também elementos, processos e fenômenos de cada época levando em consideração os fatos e acontecimentos, sendo, desta forma, compreensível um conjunto de vocábulos de determinadas décadas, mas que até hoje são exemplos de denominação de edifício. O quadro 2 apresenta os edifícios, ano, quantidade de pavimentos e taxionomias (física e antropológica) de forma resumida para melhor compreender a variação toponímica.

Quadro 2 – Quadro taxonômico dos edifícios.

QUADRO TAXONÔMICO		
EDIFÍCIO	TAXONOMIA	SIGNIFICADO
Excelsior Hotel	Animotopônimo	Ilustre, grandioso.
Granito	Litotopônimo	Rocha formada por quartzo, feldspato e biotita.
Jangada	Ergotopônimo	Conjunto de peças de madeira que formam uma prancha flutuante.
SulAmérica	Cardinotopônimo	Empresa de Capitalizações.
Philomeno Gomes (Lord Hotel)	Antropotopônimo	Pedro Philomeno Ferreira Gomes (1888-1923). Empresário.
Cineteatro São Luiz	Hagiotopônimo	Santo, mas com referência ao produtor cinematográfico Luiz Severiano Ribeiro (1886-1974).
Jalcy I	Acronimotopônimo	Abreviação de José Alcy Siqueira. Exportador.
Jalcy Avenida	Acronimotopônimo	Abreviação de José Alcy Siqueira. Exportador.
Carlos Jereissati (Hotel Savannah)	Antropotopônimo	Carlos Jereissati (1917 - 1963). Político, industrial e empresário.
Palácio Progresso	Ecotopônimo	Mansão suntuosa.

Elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 2, os nomes dos edifícios estão relacionados aos proprietários (Philomeno Gomes, Carlos Jereissati, Jalcy), atividades ou qualquer menção ao trabalho (SulAmérica Capitalizações) ou ao pertencimento, seja de uma empresa ou pessoa. Isso demonstra que a nomenclatura implantada aponta a forma como o poder implica em deixar marcas no espaço seja no nome de ruas ou edifícios que refletem o modo como a cidade está sendo produzida e desenvolvida. Nos casos que não envolvem diretamente o nome dos proprietários ou empresas apresenta-se elementos temporais que denotam o momento pelo qual

a cidade está passando ou até mesmo o país, tais como materiais utilizados nas construções (granito) ou o desenvolvimento (progresso).

Outra forma interessante de denominação é uma *santificação* daquele que o mandou construir (São Luiz), assim como em *São Casemiro*, antigo cemitério de Fortaleza cuja construção ocorreu na administração de Casimiro Sarmiento. Também mencionar a utilização de elementos que fazem parte da paisagem (física ou antrópica) como vocábulo para denominar edifícios (jangada) mesmo este também ser ligada à uma forma de trabalho. O intuito de elencar e classificar os nomes revela um olhar de como a cidade foi produzida a partir dos elementos pertinentes à língua e isto também perpassa pela linguagem que os edifícios criam com o lugar onde estão instalados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como os nomes dos edifícios seguiram as transformações na cidade, seja no âmbito do conjunto de apartamentos ou de uso misto (CAVALCANTE, 2015), de modo a entender como podem ter sido influenciados por fenômenos de ordem interna ou externa, contextualizados num âmbito global. Assim como destacam Kerkhoven e Seide (2017), os estudos sobre os topônimos, sejam em nomes de lugares ou edifícios, auxiliam na compreensão do lugar e dos elementos que compõem a cidade, uma vez que, é uma leitura feita a partir da compreensão da construção do ponto de vista linguístico dos edifícios residenciais, comerciais e de uso misto e a sua função urbana, mas que atravessa o material e se aprofunda na subjetividade por meio da ideia que se concretiza em formas e alturas.

As contribuições da Toponímia para diversas ciências perpassam pela correlação entre os estudos sobre o espaço urbano aliando aspectos arquitetônicos, geográficos, históricos e linguísticos, de forma a possibilitar uma leitura sobre a cidade de Fortaleza, aliando os processos locais e globais no tempo e no espaço. Assim como o nome dos lugares, é possível compreender a cidade por meio de outros elementos que também configuram uma identidade e memória. Pode-se estudá-los sob a óptica arquitetônica ou geográfica imprimindo os conceitos vindos da Toponímia e de outras ciências do Léxico como parte da construção de uma linguagem não somente visual, mas também subjetiva.

Explorar a riqueza do conjunto toponímico presente nas denominações dos edifícios em Fortaleza é de fundamental importância para compreender melhor como a cidade foi produzida de uma forma construtiva e interpretativa que envolve processos endógenos e exógenos e

influências a níveis regionais, nacionais e globais em diferentes épocas e como eles formam um mosaico na paisagem não somente pela forma, mas pela linguagem que empregam no espaço.

Analisar os edifícios do ponto de vista arquitetônico, histórico, geográfico e toponímico implica em cruzamento de dados e compreensão da produção do espaço urbano, do urbanismo, do desenvolvimento político e econômico e como os agentes produtores do espaço incidem diretamente no processo de verticalização das cidades como elemento pertinente do próprio desenvolvimento urbano, alterando significativamente a morfologia e a configuração espacial.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. J. F. de S. A verticalização e a origem do movimento moderno em Fortaleza. **Docomomo**, Fortaleza, 2016.

AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994. - (Coleção Travessia do Século).

AZEVEDO, M. Â. de (Nirez). **Fortaleza de ontem e de hoje**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1991.

BENEDITO, F. **Caminhando por Fortaleza**. Fortaleza: Destak – Gráfica e Editora, 1999.

BORGES, M. S. **Quarteirão sucesso da cidade**: O Art Decó e as transformações arquitetônicas na Fortaleza de 1930 e 1940. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

CAVALCANTE, M. G. **“Os edifícios de apartamentos em Fortaleza (1935-1986): dos conceitos universais aos exemplos singulares.”** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

CAVALCANTE, M. G.; BARROSO, P. H. M. A hegemonia do edifício habitacional na verticalização de Fortaleza. **IV ENANPARQ** (Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Porto Alegre, 2016.

COSTA, M. C. L. **Capítulos de Geografia histórica de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2017.

DICK, M. V. de P. do A. O sistema toponímico brasileiro. **Revista Língua e Literatura**, São Paulo, v. 5, p. 311-320, 1976.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

DICK, M. V. de P. do A. O Sistema Onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 79-90.

DIÓGENES, B. H. N.; PAIVA, R. A. O processo histórico de metropolização de Fortaleza. **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**. São Paulo, 2014, p. 1-20.

DUARTE, S. R.; VASCONCELOS, E. A. R. de. Ascensão e declínio da hotelaria no Centro de Fortaleza. **Revista Hospitalidade**, v. 13, São Paulo, 2016, p. 29-47.

FAGGION, C. M.; MISTURINI, B. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. **Linha D'Água (online)**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 141-157, dez. 2014.

FARIAS, J. A. O Plano Moderno e a morfologia do traçado: Narrativa sobre um Traçado de Xadrez que aprisiona o discurso do projeto social. **Anais do X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (X SHCU)**. Recife, 2008.

GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: EdUSP, 1997.

KERKHOVEN, R. C.; SEIDE, M. S. Os nomes dos edifícios em Marechal Cândido Rondon: estudo exploratório. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 28, n.1, jan./jul. 2017, p. 365-387.

LIMONARD, E. Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização. **GEOgraphia**, ano 1, n. 1, 1999, p. 71-91.

LYONS, J. **Novos horizontes em Linguística**. São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1976.

PAIVA, R. A.; DIÓGENES, B. H. N. A Contribuição do arquiteto José Liberal de Castro à escrita da História da Arquitetura e do Urbanismo no Ceará. In: **Seminário Iberoamericano de Arquitetura e Documentação**, Belo Horizonte, 2011.

PAIVA, R. A.; DIÓGENES, B. H. N.; CAVALCANTE, M. G.; SANTIAGO, Z. M. P.; CRUZ, L. M. A. da. Documentação, conservação e restauração sobre o guia da arquitetura (proto)moderna de Fortaleza (1932-1960). **3º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil**, Belo Horizonte, 2019.

PAIVA, R. A.; ROCHA, C. B. O.; DIAS, S. M. de. Memória e documentação digital em Fortaleza: O Palácio Progresso (1964-1969). **Revista de Ciência e Tecnologia**. Fortaleza, 2021.

PINHEIRO, E. P. **Europa, França e Bahia**: difusão e adaptação de modelos urbanos—Paris, Rio e Salvador. Salvador: SciELO-EDUFBA, 2011.

PONTE, S. R. **Fortaleza Belle Époque**: reforma urbana e controle social (1860-1933). 5. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2014.

REIS FILHO, N. G. **Urbanização e teoria**. São Paulo: FAU, s.d.

SAPIR, E. **Le language**. Introduction à l'étude de la parole. Traduit de l'anglais par S. M. Guillemin. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1921.

SERAINÉ, F. **Linguagem e Cultura**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985.



SILVA, J. B. da. Formação socioterritorial urbana. In: SILVA, J. B. da; CAVALCANTE, T. C.; DANTAS, E. W. C.; COSTA, M. C. L. **De cidade a metrópole:** (Trans)formações Urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 87-142.

SOMEKH, N. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador.** São Paulo: Studio Nobel; Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1997.

SOUZA, M. A. A. de. **A identidade da metrópole:** a verticalização em São Paulo. São Paulo: HUCITEC; EDUSP, 1994.

SOUZA, M. S. de. Fortaleza - Uma análise da estrutura urbana. In: **Anais do 3º Encontro Nacional de Geógrafos.** Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1978.

SOUZA, M. S. de. Análise da estrutura urbana. In: SILVA, J. B. da; CAVALCANTE, T. C.; DANTAS, E. W. C.; COSTA, M. C. L. **De cidade à metrópole:** (Trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SPOSITO, E. S. **Cidade, urbanização, metropolização.** Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Pós-Graduação em Geografia, 1997.

VARGAS, H. C.; ARAÚJO, C. P. de. Habitação e dinâmica urbana em São Paulo 1870-2010. In: VARGAS, H. C.; ARAÚJO, C. P. de (orgs.). **Arquitetura e mercado imobiliário.** Barueri, São Paulo: Manole, 2014.

VILLAÇA, F. **Espaço Intra-urbano no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, Lincoln Institute, 2001.

VINCENT, A. **Que signifient les noms de lieux?.** Bruxelles: Office de publicité, 1947 (Collection National).